

Jorge Pinto • Julia da Costa

TAMÉM DIGO!

— SOMOS TODOS MIGRANTES —



Jorge Pinto • Júlia da Costa

TAMÉM DIGO!

— SOMOS TODOS MIGRANTES —



IGUANA

*Para a Avó Carmo.
Por ela, pela Florinda, pela Ercília, pela Elvira
e por todas as mulheres que fazem o mundo.*

Para as que partiram e para as que ficaram.

Prólogo

Ando há muitos anos para vos falar da minha avó. Como todas as avós, a minha é-me especial. E é por isso que vos quero falar dela. Não para vos convencer de que a minha avó é melhor do que as vossas, mas antes para partilhar convosco um pouco do meu privilégio de neto.

Obriga-me a consciência a dizer-vos desde já que não encontrarão nada de extraordinário nesta história. A Maria do Carmo, a Avó Carmo, foi e é uma mulher como tantas outras, com uma vida que poderia ter sido a das vossas avós, das vossas mães ou das vossas irmãs. Nasceu pobre numa aldeia no Norte de Portugal, sobreviveu, emigrou, regressou, tentou viver, amou e foi amada. Onde esteve, foi sempre uma entre muitos. E é por isso que quero falar dela. É que de heróis está a história cheia. Falta-nos falar de gente comum.



A Avó Carmo

Tentei várias vezes contar esta história, mas abandonei todos os projetos mais ou menos iniciados. Pensei em fazer um mini-documentário, em escrever um romance, em escrever uma banda desenhada ou ainda uma peça de teatro. Mas rapidamente percebi que não o conseguiria fazer nesses formatos, seja por falta de conhecimentos (como raios poderia eu fazer um documentário, armado apenas com a câmara do meu telemóvel?), por falta de tempo ou, simplesmente, porque a qualidade da minha escrita não poderia fazer jus à vida da Avó Carmo.

Lembrei-me de obras-primas como *Maus*, onde Art Spiegelman conta, no formato de novela gráfica, a história do seu pai, judeu sobrevivente do Holocausto; lembrei-me ainda do grande Eduardo Galeano e das suas micro-histórias que poderiam também servir de inspiração para o que eu queria fazer, mas nunca fiquei convencido.



*Gastei várias folhas destas,
à procura de uma ideia convincente*



*Quantas histórias de emigração passam
por trabalhos de limpeza, ao serviço de outros?*

Em 2017, ao sentir as lágrimas incontroladas correrem-me cara abaixo enquanto via uma história tão semelhante à da Avó Carmo, representada por mulheres imigrantes na Grécia que se esmeravam enquanto atrizes na peça *Clean City*, de Anestis Azas e Prodromos Tsirikoris, pensei que uma peça de teatro poderia ser a melhor forma de vos contar esta história. Esse foi, de todos, o projeto que mais avançou e que espero um dia poder terminar e usar como complemento a este livro, até porque o teatro foi, como veremos mais à frente, uma das paixões juvenis da Avó Carmo.

Perceber que a sua história é tanto sua como a de muitas outras mulheres fez com que adaptasse o modo como escrevo este texto. Sim, a Avó Carmo é a *minha* avó, mas poderia ser a avó de muita gente diferente; é, no fundo, uma personagem dessa história universal que é a história das migrações, temporárias ou não.

Assim, quando falar da *minha* avó ou da *minha* mãe, não utilizarei nenhum pronome possessivo. Falar-vos-ei então da Avó Carmo, da Mãe ou do Tio, sempre com as maiúsculas que os personagens importantes das histórias bem merecem.

Apesar do abandono desses vários projetos e ideias, fui tirando notas de recordações da Avó Carmo e fui filmando algumas das nossas conversas, às quais recorro sempre que a saudade aperta. Após estes anos de tentativas frustradas, o formato ficou decidido quando descobri os trabalhos de Lamia Ziadé. Em três portentosos livros, a ilustradora e artista plástica nascida no Líbano fala-nos das suas histórias de família, da sua vivência no Médio Oriente, das lutas políticas e militares ao longo das décadas, mas também das mulheres e homens da cultura árabe. (Cara Lamia, se algum dia leres este livro, um enorme *chocran* e, por favor, perdoa-me o plágio inspiracional.)

Assim que terminei o seu *Bye-bye Babylone*, soube que era nesse formato que vos iria falar da Avó Carmo: com algum texto, muitas imagens e uns toques de história e política. Estou em crer que não há livro, por melhor que seja o seu texto, que não melhore com ilustrações. Até um livro perfeito como é *O Estrangeiro*, de Albert Camus, conseguiu ficar melhor quando acompanhado das ilustrações de José Muñoz.



As capas dos três livros de Lamia Ziadé

Havia, ainda assim, um enorme entrave a este projeto: não tenho jeito absolutamente nenhum para desenhar. E isto não é uma desculpa, acreditem. Não que desgoste de desenhar ou que tenha vergonha de o fazer. É que sou, simplesmente, muito mau. Já na escola, só não tinha negativa nas disciplinas de Educação Visual por solidariedade dos professores que, coitados, foram obrigados a ter-me como aluno.

Nada resume melhor a minha inépcia artístico-visual do que esta história que agora partilho convosco. Andaria eu no oitavo ou nono ano quando os professores de Educação Visual desafiaram os alunos de três turmas a desenhar conjuntamente um quadro; não me lembro ao certo de qual era a pintura original que deveríamos replicar, mas recordo que era uma mãe com um filho bebé ao colo, entre o estilo flamengo clássico e as pinturas de Antonello da Messina.

No nosso caso, ficaríamos apenas pelo lápis, nas suas múltiplas categorias e grossuras, dos 4H aos 6B, com os HB pelo meio. Dividiu-se então a pintura em partes iguais, ficando cada um de nós responsável pelo seu quinhão do trabalho. Não sei como foi nas outras turmas, mas na minha a distribuição das diferentes partes foi decidida pelo professor.

Olhos, orelhas, mãos e narizes foram dados aos que melhor desenhavam. A mim tocou-me um delicado retângulo integralmente negro. Apenas negro, completamente negro. Uma coisa é certa: esmerei-me tanto quanto os meus colegas.

Negro. Apenas negro



A Júlia, entre Vichy e Lisboa, com as raízes em Viana

Uma alternativa à minha falta de dotes artísticos seria ilustrar este livro com fotografias ou qualquer outro tipo de ilustração disponível. Foi esse o caminho seguido por Raphaël Meyssan que, apaixonado por banda desenhada e com uma boa história para contar, se viu confrontado com o facto de não saber desenhar. O desafio tornou-se inspiração e surgiu uma trilogia sobre a Comuna de Paris, ilustrada inteiramente com gravuras e xilografuras da época. Mas esse formato também não me convenceu.

Uma vez mais, a solução acabou por se impor por si própria. Se estava a escrever um livro sobre emigração portuguesa para França e sobre as mulheres que fizeram essa história, teria de ser uma mulher conhecedora dessa história a desenhar.

Socorrendo-me do motor de pesquisa *duckduckgo*, procurei «illustratrice française d'origine portugaise». Esgaravando por entre o lixo digital, encontrei exatamente a pessoa que procurava. Descobrindo o trabalho da Júlia, percebi imediatamente que seria a pessoa indicada.

Escrevi-lhe, explicando o projeto e porque queria que fosse uma mulher da diáspora portuguesa em França a conceber este livro comigo. Deu-me logo uma série de sugestões que tornaram este livro naquilo que agora têm nas mãos.

E, apesar das diferenças nas nossas vivências e histórias de vida, a Júlia soube como ninguém — e logo aos primeiros esboços — traduzir em imagens o espírito do meu texto. Estava então decidido o rumo a seguir.

CAPÍTULO I

Maria do Carmo

Dizia-vos no prólogo que a vida da Avó Carmo não tinha nada de especial que merecesse mais ser contado do que a vida de muitas outras pessoas da sua geração. Ainda assim, tal não significa que a Avó Carmo não seja, ela própria, especial. Afinal, quem não é especial na sua unicidade?

A primeira coisa que salta à vista é a sua estatura: um metro e cinquenta, arredondados para cima. Muito nos entretivemos, os netos, ao compararmo-nos em altura com a Avó, embora durante pouco tempo, pois, ainda crianças, já a ultrapassávamos largamente. Não que sejamos propriamente altos — eu, com um metro e setenta e dois, não o sou certamente —, mas éramos, em comparação, quase gigantes.

Mais impressionante ainda era a irmã da Avó Carmo, a Custódia, que, com um metro e trinta, poderia certamente ter feito o papel de figurante numa das adaptações de *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien, logicamente no papel de um *hobbit*. Da Avó Carmo, a Mãe herdou também a estatura, acrescentando-lhe alguns centímetros, esforço intergeracional ao qual dei seguimento.



A Tia Custódia, a Avó Carmo, a Mãe e eu



«Uma casa de banho? Numa igreja?»

Que as pessoas não se medem aos palmos estamos fartos de saber, razão pela qual podemos passar ao assunto seguinte. Falar com a Avó Carmo é estar preparado para ouvir todo o tipo de... Sim — *palavrões*. Sem o intuito de insultar ou sequer de ser desagradável, os «caralho», «foda-se», «puta que pariu» vão caindo com suavidade à medida que fala. Mas, na sua boca e por alguma arte mágica, nunca soam a insulto. Nem sequer daquela vez em que, em nome da igreja que estavam a melhorar, lhe bateram à porta pedindo uma contribuição para a construção de uma casa de banho, e ela, tranquilamente, respondeu que não daria nada, porque, como era evidente, não pensava ir cagar à igreja.

•

O mais curioso sobre a maneira de falar da Avó Carmo é o sotaque e a quantidade de palavras que, durante anos, achei que estivessem erradas ou não existissem.

É difícil de explicar, mas, para os que conhecem os sotaques da zona, é mais próximo de um sotaque minhoto do que do sotaque da vizinha vila de Baião. Por exemplo: o «o» e o «e» de contente não são quase abafados como seriam em Lisboa — «côntênte» —, mas também não são completamente abertos como seriam em Baião — «cóntéinte». Já os «a», esses, são bastante mais abertos, como quando diz «Ámáránte».

Há ainda a forma como diz o pretérito perfeito da primeira pessoa do plural nos verbos acabados em *-ar*. Onde se pronunciaría um «a» aberto, a Avó Carmo usa um «e»: «casémo-nos», «andemos», e por aí adiante. Esta troca não é exclusiva dos verbos, também se aplica a palavras como um «lá diante» que se transforma num «lá diente». E, claro está, todas as terminações em *-ão* são, na boca da Avó Carmo, *-om*.



*Olho para esta imagem
e é como se ouvisse a Avó Carmo a falar à minha frente*

Quanto às palavras, uma lista não exaustiva inclui «home», «auga», «barol» ou «balor» (para bolor), «onte», «abua» (avô), «tamem» («tamem digo», com o «a» bem aberto, deve ser das expressões que mais usa), «fruita» e «chuiva». Graças ao livro *Assim nasceu uma língua*, de Fernando Venâncio, descobri que grande parte destas palavras são ainda reminiscências da língua galega, da qual surgiu o português. Essa parece-me uma opção válida, estando a aldeia onde nasceu a Avó Carmo (e, tanto quanto sei, os seus antepassados) na zona que o linguista Piel chama de Galécia Magna.

Mais curiosas ainda, e de origem bem mais obscura, são as duas expressões «cantal» e «raistabaitapartisse», também usadas com frequência.

A primeira é, imagino, a contração de «quando» e «tal», sendo utilizada maioritariamente como «não tarda nada» dito de forma desaprovadora. Por exemplo: «a chover assim, *cantal* não se atravessa o campo»; a alternativa usada quando a conotação é menos negativa é quase sempre «na(quela) maré», ou seja, «naquela maré ainda se passava fome».

A segunda serve de interjeição e é usada como recriminação. Por exemplo: o cão a fugir com uma pantufa e a Avó Carmo atrás dele a berrar «raistabaitapartisse!».



*Tamem digo é a forma da Avó Carmo
validar tudo o que os netos lhe dizem*

A Avó Carmo é altiva. Diz-me o dicionário que uma pessoa altiva é alguém *a) que não cede (a outro) em brio, b) que tem muita altura e majestoso aspeto, ou c) soberbo, arrogante*. Destas possíveis definições, a última não se pode aplicar a quem é antónimo de arrogante, como a Avó Carmo. É sobretudo o seu brio, sim, a sua forma de marcar presença que a distingue, esteja ela na situação em que estiver.

Há qualquer coisa no seu olhar que transparece sempre uma nobreza desarmante, como se mirasse o fundo da nossa alma. É um olhar que pode assustar os mais frágeis de espírito, pois despe-nos completamente da couraça com que nos revestimos. Apesar da baixa estatura e mesmo curvada pelo peso da velhice, o queixo da Avó aponta sempre para cima.

Mas a característica da Avó Carmo que mais a distingue é, sem dúvida, a bondade. Poucas pessoas conheci que fossem tão genuinamente boas. E isso, fácil está de ver, nem sempre é uma vantagem, desde logo nas situações em que essa condição quase genética de bondade nos impede de confrontar uma opinião com a qual não concordamos, apenas e só por não querermos ferir os sentimentos da outra pessoa.

Raras foram as vezes em que a vi insistir na sua posição, por mais convicta que dela estivesse. Durante muitos anos achei que isso era uma cedência (ao marido, aos filhos ou aos netos), mas estou agora convencido de que é apenas o reflexo mais extremo da sua bondade. Em criança, cheguei mesmo a perguntar-me se a Avó Carmo não teria o que era preciso para se tornar uma santa; mas acho que a resposta ficou clara depois do episódio da casa de banho para a igreja.



*Mesmo curvada pela idade,
o queixo da Avó Carmo aponta sempre para cima*



O sacro e o profano, no tampo de uma sanita

Começo a escrever este livro desde Bruxelas, cidade onde resido há vários anos. Em certa medida, sou um emigrante de terceira geração, mas já lá chegaremos. Permitindo-me alguma liberdade artística, quero que esta história seja tão fiel quanto possível à realidade vivida e experienciada pela Avó Carmo. E é por isso que tenho falado com ela à distância, para esclarecer um outro detalhe, confirmar um ou outro nome.

Como não há ninguém melhor do que ela para contar a sua própria história, sempre que uma parte do texto apareça entre aspas é porque foi dita por ela e a tenho registada em vídeo, graças às conversas que tivemos e que fui filmando, ou enviada recentemente através de clipes de áudio.

Feita esta pequeníssima introdução, passemos então à história de vida da Avó Carmo.



Durante a escrita deste livro, foram dezenas e dezenas as mensagens e áudios trocados

A Avó Carmo nasceu a 20 de novembro de 1935. Filha de Florinda Gonçalves e de José Jorge da Costa, foi a quinta de cinco irmãos, seguindo-se a Manuel, o mais velho, aos gémeos António e Custódia e, finalmente, a Aníbal. A alcunha da família, condição quase obrigatória nas aldeias portuguesas, era *Paquetes*.

Pergunto-me o que terá levado a esta alcunha. Terá algum antepassado mais ou menos longínquo embarcado num *packet boat* transatlântico? Terei tido algum ascendente que tentou a sorte do outro lado do charco? Ou será apenas uma alcunha depreciativa dada a uma linhagem de moços de recados? Seja qual for a razão, a Avó Carmo não consegue traçar-lhe a origem.

Álbum de família. (Será que existe sequer?)





Olo e o seu rio. O acento circunflexo, tal como uma boa parte da população da aldeia, também ali deixou de viver

O local de nascimento da Avó Carmo foi a freguesia de Olo (lê-se «ôlo»), em Amarante. Ou, mais concretamente e como ela me disse de viva-voz, nasceu no lugar da Torre, localidade da freguesia de Olo.

Naquela altura, ainda se definiam as pessoas pela localidade onde haviam nascido (e onde, com grande probabilidade, viveriam toda a vida), pelo que era essencial clarificar a localidade, mais do que a freguesia que pouco significado tinha quando quase todas as interações eram com outras pessoas da mesma freguesia ou das freguesias vizinhas.

A meio caminho entre as Serras do Alvão e do Marão, Olo tem dificuldade em afirmar-se pela sua beleza. Não que seja uma aldeia feia, longe disso, mas sobretudo por ter tão belas montanhas como vizinhas. O que se destaca mais na freguesia é o seu homónimo rio.

Não sei quem roubou o nome ao outro, mas certo é que Olo, a freguesia, partilha o nome com o rio que por ela passa. Olo, o rio, é de vida efémera, dispondo apenas das horas que demora a chegar das Fiskas, a sua nascente na Serra do Alvão, até ao Tâmega, pouco a seguir a Olo, a freguesia.

As suas águas puras, frias e cristalinas são um regalo para a vista e para o corpo, sobretudo naqueles dias de Verão tórridos e longos.

Olo, o rio, foi também fonte de eletricidade para a cidade quando, logo em 1918 e por ação do republicano amarantino António Lago Cerqueira, ali se construiu uma central hidroelétrica.

Apesar do pouco caudal, a central esteve em atividade até aos anos 80, provando assim que muita e duradoura força pode estar contida num pequeno corpo. E quanto isso me faz pensar na Avó Carmo!



*Um dos locais mais memoráveis do rio Olo, a ponte de arame.
Em criança, ainda cheguei a atravessá-la, pedindo a todas
as alminhas que aquela frágil estrutura não desmoronasse
enquanto eu a cruzava*

«ANDO HÁ MUITOS ANOS PARA VOS FALAR DA MINHA AVÓ.
COMO TODAS AS AVÓS, A MINHA É-ME ESPECIAL.
E É POR ISSO QUE VOS QUERO FALAR DELA.»

Assim começa o relato de uma vida comum
— e, por isso mesmo, extraordinária.

A Avó Carmo nasceu numa aldeia do Norte de Portugal,
cresceu entre privações e esperanças, emigrou para França e regressou.
Entre o testemunho pessoal e a memória coletiva, este é o retrato de uma
época — da emigração portuguesa dos anos 1960, das casas inacabadas,
dos filhos crescidos entre dois países, das promessas e regressos adiados.

Com uma escrita honesta e terna, o autor transforma a história
da sua avó num espelho de tantas outras: das mães e avós que
trabalharam até à exaustão, que sonharam pouco mas sentiram muito.

Um livro sobre o poder da memória e a urgência
de recordar quem nunca apareceu nos livros de História
— porque é nas vidas anónimas que se esconde
o verdadeiro coração de um povo.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

   penguinlivros
 iguana_editora

ISBN: 978-989-589-632-5



9 789895 896325